

A prática da escrita na escola e as implicações no processo de aprendizagem

The practice of writing in school and the implications in the learning process

Hélia de Sousa Cerdeira

Graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Mestre pela Universidad de La Integración de las Américas – UNIDA - PY

<http://lattes.cnpq.br/2632591655298029>

<https://orcid.org/ID:0000-0002-7383-7333>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.101.3

RESUMO

O estudo objetiva conhecer as principais dificuldades encontradas pelos educandos do 6º. ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Rosina Ferreira da Silva – município de Manaus / AM em se expressarem através da língua escrita na percepção das professoras participantes. Com o pressuposto de que existem representações sociais, buscou-se saber, na percepção dos professores, como escrita pode ser considerada o desvelamento do mundo, como matéria-prima que alimenta a sociedade, e a educação e elemento chave que permite o desenvolvimento das habilidades necessárias na sociedade da informação. Portanto, se propôs a investigar quais as dificuldades de aprendizagem interferem na aquisição da língua escrita no 6º ano. Saber ler e escrever implica em desvendar mistérios, ultrapassar qualquer ideia de se querer mensurar ou de se colocar limites de sentido. Pois quem escreve e lê se apropria do conhecimento e com isso se constitui enquanto sujeito. Em outras palavras, a escrita localizada nos espaços da mediação entre realidade se torna significativa e emancipatória.

Palavras-chave: escrita. leitura. dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT

The study aims to know the main difficulties encountered by students in the 6th year of elementary school II Public School gives Rosina Ferreira da Silva - municipality of Manaus / AM in expressing themselves through written language in the perception of the participating teachers. With the assumption that there are social representations, we sought to know, in the teachers' perception, how writing can be considered the unveiling of the world, as a raw material that feeds society, and education and a key element that allows the development of skills needed in the information society. Therefore, we set out to investigate which learning difficulties interfere with the acquisition of written language in the 6th grade. Knowing how to read and write implies unraveling mysteries, surpassing any idea of wanting to measure or set limits of meaning. For whoever writes and reads appropriates knowledge and thus constitutes himself as a subject. In other words, writing located in the spaces of mediation between realities becomes significant and emancipatory.

Keywords: writing. reading. learning difficulties.

INTRODUÇÃO

O estudo se propõe a refletir, por meio de suporte teórico, pesquisa de campo, tendo em vista que ler e escrever sempre me suscitou curiosidade, com as mudanças estão acontecendo em todos os âmbitos da sociedade, trazendo inúmeras inovações com diversos campos do saber o ler e o escrever está em primeiro lugar.

Acompanhá-los exige uma nova postura da escola, tendo em vista que o aprender se transforma em um processo de adaptação ativa, através do qual o sujeito, frente a uma determinada situação recebe estímulos que se estruturam e resultam no ato de aprender.

Assim a aprendizagem, se constitui em uma relação dialética do aprender e do aprendido. O que se aprende é ponto de partida para novas aprendizagens esta acontece na relação

entre os sujeitos, pois cada um é ser histórico, possui o seu mundo e busca entender-se com o outro.

A prática da escrita depende de diversos fatores que podem favorecer um bom ou mau desempenho na sua aprendizagem, por ser um processo bastante complexo, a escrita envolve mais que habilidades. Ler e escrever não se restringe apenas saber o que contém em um texto, mas também decodificá-lo.

A escrita não é somente traduzir sílabas é conhecer as palavras e seu significado, mas atividade interativa, interdiscursiva de apropriação de diferentes linguagens produzidas culturalmente. Dentre elas situa-se a leitura como um artefato presente em todas as atividades das sociedades letradas.

Uma das primeiras necessidades de uma pessoa é se comunicar, falar, entender e se fazer entender, souber dizer o que pensa com firmeza e espírito crítico e se comunicar através da leitura e da escrita. Aprender a falar, a ler, a escrever passa a ser rudimento na história do ensino, os quais ainda não foram superados por outras necessidades achadas a serem mais importantes.

Neste sentido, é necessário, compreender que a leitura na interface com escrita deve ser uma atividade real e significativa, na qual os alunos interagem com diferentes conhecimentos, com o texto e sua intencionalidade nas suas diferentes manifestações.

Nessa concepção, ensinar a ler e a escrever, é produzir conhecimento, e não ensinar somente a distinguir os símbolos gráficos da linguagem verbal. Saber ler e escrever é um processo que leva o aluno a distinguir e compreender os símbolos e ser capaz de produzir mensagens compreensíveis, cujo intuito é superar etapas para adquirir as habilidades necessárias. De compreensão dos símbolos e do próprio texto.

Muitos alunos principalmente no ensino fundamental não consegue ler e escrever pois enfrentam dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes não são identificadas, atrapalhando o processo de aprendizagem, cabe ao professor identificar essa dificuldade e principalmente assegurar a alunos seu direito de aprender a ler e escrever, uma delas, talvez a importante, é a que o professor deve encarar o aluno como pessoas que precisam ter sucesso em suas aprendizagens para se desenvolverem pessoalmente e para terem uma imagem positiva de si mesmos acreditando que todos os alunos são capazes de aprender.

A HISTÓRIA DA ESCRITA BREVES TRILHAS

A escrita foi um artefato desenvolvido ao longo da história da humanidade para facilitar a comunicação entre os povos transcendendo de tempo e de lugar. Onde iniciou com o homem primitivo desenvolvendo mecanismos através de objetos simbólicos e com sinais materiais, nos entalhes desenhos para a fixação da linguagem oral, dessa forma a escrita exerce um poder de transformar a cultura em uma possibilidade transmissível, como as leis, a filosofia, o comércio, a religião, a poesia, e a história.

Para Higounet (2015, p. 67), “a escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria, dividindo a história da humanidade em duas imensas

eras, antes e a partir da escrita”.

Visto por esse ângulo a escrita não é um procedimento destinado apenas para a fixação da palavra, mas também dá acesso ao mundo das ideias, permite apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo, por isso a história da escrita segue a história dos avanços do espírito humano, e “contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos”. (OLSON, 2016, p. 13).

Importante destacar que foram os meados do século IV a. C. que a humanidade utilizou uma forma de escrita teve como objetivo a comunicação, com as divindades e os heróis lendários. Desde as pinturas rupestres, o homem da pré-história sentia necessidade de preservar registros de suas atividades e de deixar uma marca para a posterioridade. Quando o homem passou de nômade para sedentário, iniciando o cultivo do seu alimento e a criação de animais, surgiu a necessidade de um recurso para registrar as contagens do que possuía e o quanto de alimento havia estocado.

Os povos primitivos se utilizavam de símbolos gráficos e mnemônicos, desenhos pictográficos e registros feitos em artefatos encontrados na natureza ligando objetos físicos com a fala para acumular informações, tudo isso decorreu em um processo de desenvolvimento lento de desenvolvimento conforme a mentalidade de cada povo em sua época.

A ESCRITA NA ESCOLA

Entender a natureza da escrita as suas funções, assim como a forma de ser usada são indispensáveis ao processo escolar. Existem muitos fatores inclusos nesses processos e cabe aos professores à conscientização do processo pelo qual se torna acessível, agradável e produtivo o conhecimento para aluno em termos de desenvolvimento emocional, evolução do seu processo de interação social e da realidade linguística envolvida no momento da escrita.

Segundo Vygotsky (1988) a escrita não está separada da linguagem, ela é constituída por um sistema de símbolos e signos, no qual a criança atribui significados, que determinam os sons e as palavras da linguagem oral.

Destaca-se que é nas relações com a linguagem falada que o aluno vai construindo para si um conceito de escrita.

Conforme Leontiev (1978, p. 34) “o sentido consciente, psicologicamente concreto, é criado pela relação objetiva, que se reflete na mente do sujeito, daquilo que o impulsiona a agir com aquilo para o que está orientada sua ação como resultado imediato desta”. Visto dessa forma o sentido estabelecido vai se expressar no motivo da atividade e tem como finalidade imediata da ação.

Com base nesse argumento, o professor deve sentir-se aberto para optar por métodos e técnicas que busquem novas direções, seguindo sua sensibilidade e levando em conta a capacidade da turma para definir o ritmo que deve ser adotado. Dentre esse processo da aprendizagem da escrita, Lemle (2014, p.76) destaca cinco capacidades que permitem os saberes para essa ação, os quais podem ser alcançados facilmente pelos alunos como a ideia de símbolo, discriminação das formas das letras, discriminação dos sons da fala, consciência da unidade

(palavra) e a organização da página escrita.

Destaca-se que, para aprender a ler, e escrever a criança primeiramente precisa compreender a linguagem dos símbolos, a fim de perceber que não há uma relação intrínseca entre o objeto e o signo linguístico utilizado para simbolizá-lo.

É necessário para simbolizar possuir a capacidade de discriminação das formas das letras, a qual exige do aprendiz um refinamento na percepção, no entendimento que os riscos desenhados no papel significam símbolos que representam as formas das letras. Em complemento a essa abordagem, Lemle afirma ainda que:

As letras do nosso alfabeto têm bastantes formas semelhantes, e por isso a capacidade de distingui-la exige refinamento na percepção. Tomemos alguns exemplos. A letra p e a letra b diferem apenas na direção da haste vertical, colocando abaixo da linha de apoio ou acima dela. [...] Note que os objetos manipulados em nosso dia-a-dia não se transformam, ao mudarem de posição. Uma escova de dente é sempre uma escova de dente, esteja virada para cima ou para baixo. (LEMLE, 2014, p. 8)

Para despertar no aluno capacidade de discriminar as formas das letras é necessário que sejam elaborados exercícios de escrita e leitura. No conceito da autora, o terceiro conhecimento o aluno precisa desenvolver é a discriminação dos sons da fala, ou seja, a percepção auditiva. Considera-se que para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa saber ouvir e distinguir as diferenças linguísticas de forma que possam definir a letra certa para cada som emitido. Ainda sobre esse tema, afirma que:

É claro que só será capaz de escrever aquele que tiver a capacidade de perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizadas para enunciar as palavras e de distingui-las conscientemente uma das outras. Note que a análise a ser feita pela pessoa é bem sutil: ela deve ter consciência dos pedacinhos que compõem a corrente da fala e perceber as diferenças de som pertinentes à diferença da letra. (LEMLE, 2014, p. 9)

Para desenvolver essa percepção, é necessário que o professor trabalhe com os alunos os sons das letras, criando, por exemplo, lista com palavras iniciadas com a mesma letra, com o mesmo som. O quarto conhecimento que, segundo Lemle, (2014) o aluno deve conhecer conceito da palavra, ou seja, a consciência da unidade palavra, pois não existem separações nas expressões como *umavez*, *nonavio* ou mesmo uma separação errada principalmente nas palavras femininas como, por exemplo, *minhamiga*, em que o correto seria “minha amiga”. Lemle (2014, p. 11) ressalta ainda que:

O importante, na ideia da unidade da palavra, é que ele é o cerne da relação simbólica essencial contida numa mensagem linguística: a relação entre conceito e sequências de sons da fala. Temos, portanto, na escrita, duas camadas sobrepostas de relação simbólica: uma relação entre a forma da unidade palavra e seu sentido ou conceito correspondente, e uma relação entre a sequência de sons da fala que compõem a palavra e a sequência de letras que transcrevem a palavra. (LEMLE, 2014, p. 11)

Dessa forma são para que sejam exploradas palavras novas ampliando assim o vocabulário do aluno e conseqüente a sua escrita. O último ponto abordado pela autora refere-se à organização da página escrita, na qual é tratada a sentença, sendo que essa capacidade de compreensão pode ser adquirida no decorrer de suas primeiras leituras, o que vai lhe dar suporte para escrita.

É de extrema importância que o educador acompanhe de perto o avanço dessas capacidades desenvolvido pelos alunos para que estes compreendam a relação do símbolo escrito

existente entre as letras e os sons da fala captem a ideia de que cada letra escrita é um símbolo de um som. Pois, caso isso não aconteça, nas etapas seguintes começarão a surgir problemas, porque os fenômenos que lhes serão apresentados entre os sons e letras são um pouco mais complexos do que a perfeição inicialmente apresentada.

Para evitar a ausência de uma dessas capacidades, o professor pode elaborar atividades através da leitura de pequenos textos, escolhidos pelos próprios alunos, que será uma atividade diferenciada que envolverá o aluno em sua própria curiosidade, sendo possível a compreensão do processo da escrita o qual se torna fundamental explicar quais os fatores que podem interferir na aprendizagem da leitura.

PRINCIPAIS OBSTÁCULOS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

No processo de aprendizagem da escrita o primeiro obstáculo a ser vencido é o da compreensão da relação de simbolização entre as letras e os sons da fala. No entanto, somente isso não confirmaria a aprendizagem necessária para aquisição da escrita pelo aluno. De acordo com o estudo de Ferreiro, na linguagem entre o som da fala e as letras do alfabeto existe uma subdivisão, na qual se encontram três tipos de relação. São elas:

Relação de um para um: cada letra com seu som, cada som com sua letra; Relação de um para mais de um, determinada a partir da posição: cada letra com um som numa dada posição, cada som com uma letra numa dada posição; Relações de concorrência: mais de uma letra para o mesmo som na mesma posição. (FERREIRO, 2010, p. 56)

No sistema alfabético, a relação de um para um, ou biunívoca, é o modelo ideal para quem está iniciando no processo da escrita, pois, para cada letra, existe um som e para cada som existe uma letra, embora essa relação só seja observada em poucos casos da língua portuguesa. No sistema alfabético, a relação de um para um, ou biunívoca, é o modelo ideal para quem está iniciando no processo da escrita, pois, para cada letra, existe um som e para cada som existe uma letra, embora essa relação só seja observada em poucos casos da língua portuguesa.

Verifica-se no quadro acima os fonemas consonantais com seus respectivos exemplos e grafemas que ilustram algumas das posições das letras nas palavras e nas sílabas, e que as mesmas podem ser encontradas, como: no início e no meio da palavra, em sílabas simples e em encontros consonantais.

Nas relações de um para mais de um e de concorrências começarão a surgir os problemas para o aprendiz, pois os fenômenos que ocorrem entre as letras e os sons tornam-se um pouco mais complexo. Para a autora, nessas relações existem casos de poligamia, poliandria, rivalidades e abandonos.

Os casos de poligamia e poliandria, segundo a linguística, podem ser observados na relação de um para mais de um, os quais são definidos como:

“Poligamia é o caso de sons casados com letras diferentes segundo a posição desta palavra. Poliandria é o caso de um mesmo som representado por diferentes letras segundo a sua posição” (LEMLE, 2014, p 18).

Considera-se a leitura e a escrita como uma das aprendizagens mais importantes, sendo

este o ponto de partida para a aquisição do conhecimento reafirma-se que é responsabilidade do educador em criar metodologias criativas para que o objetivo seja alcançado, levando em consideração que a leitura e a escrita são a base do saber, do conhecer e do compreender através de uma preparação e vivência de hábitos e saberes firmado em experiências concretas e vivenciadas pelos alunos.

Bastiani (2015, p. 123) diz:

As relações entre linguagem e pensamento pesquisadas e sistematizadas por Vygotsky sinalizam muitas outras pesquisas na área da educação, como também orientam as práticas escolares. A linguagem é adquirida, basicamente nas relações sociais. Antes do primeiro ano de vida a criança começa a compreender e a relacionar símbolos aos objetos. A criança cresce sendo apresentada à linguagem cotidianamente, percebe que as linguagens oral e escrita fazem parte de um contexto significativo e começa a querer “dominar” a gramática. Esse desenvolvimento não precisa ser forçado e a criança entendendo a leitura e a escrita como prática social propõe-se a falar, ler e escrever compreendendo as diferenças entre essas práticas. É importante lembrar que a linguagem não é privilégio deste ou daquele grupo social, faz parte da cultura humana. Assim como aprendeu a falar, qualquer criança aprenderá a escrever, se exposta à linguagem escrita, a menos que apresente grave patologia mental ou cognitiva. Crianças pequenas motivam-se facilmente para brincadeiras com a linguagem, como troca-letras, trava-línguas, rimas e parlendas; demonstram fascínio pelo papel e tentativas de escrever nomes de pessoas e objetos.

Assim, toda criança, ao ingressar no mundo da linguagem escrita, usa uma linguagem próprio, conforme suas regras, falando de maneira própria, de forma que sejam entendidas. Crianças de três a sete anos costumam empregar a linguagem existente no seu cotidiano, assim como vocabulários e conjunto de regras gramaticais que elas acham correto. Em análise a esse fato, Cagliari ainda destaca que:

Qualquer manifestação linguística, desde a mais tenra idade, tem vocabulários e regras. A criança vai aprender a dizer “móis vai” ou “nós vamos” não porque é menos ou mais dotada para a linguagem, mas porque se tornou falante de um ou de outro dialeto. Por outro lado, pelo fato de aprender a falar, com a complexidade que isso envolve, com apenas três anos, prova que tem capacidade intelectual extremamente desenvolvida e apta para a fala, sem precisar de professores ou de métodos específicos, bastando para o convívio com uma comunidade falante. Evidentemente, os pais e a comunidade de um modo geral zelam pelo desempenho linguístico de seus membros, porque lhes convém que cada um assumam seu papel na sociedade. (CAGLIARI, 2012, p. 19)

Na maioria das vezes, ao adentrar a escola, por mais que se diga que ela é agradável, a criança de comunidade menos favorecida acaba levando um susto no primeiro momento. Encontrará inicialmente, nesse ambiente, preconceito e discriminação por causa do seu dialeto, modo de andar, vestir, pensar, sentindo-se avaliado e, conseqüentemente, diferente dos outros alunos.

No estudo feito por Oliveira, tem-se que:

A escola usa e abusa da força da linguagem para ensinar e para deixar bem claro o lugar de cada um na instituição e até na sociedade. A maneira como se fala, como se deixa falar, sobretudo como se pergunta e como são aceitas as respostas, muitas vezes, é usada não para avaliar o desenvolvimento intelectual de um aluno, mas como um subterfúgio para lhe dizer que é incapaz ou excelente. (OLIVEIRA, 2018, p. 25)

Dessa forma o professor deve conhecer as concepções que a criança tem a respeito da língua escrita, para que então possa tornar-se o mediador, proporcionando com que a criança questione e desenvolva atividades que “desestrua seu pensamento”, isto é, duvidar de suas ideias, suas certezas sobre os símbolos escritos, para comparar, refletir e elaborar novas hipóteses linguísticas.

Para Piaget (1980, p.234), “o conhecimento resulta de uma atividade estruturadora por parte do sujeito. Esse conhecimento resulta, segundo ele, do próprio comportamento, que gera esquemas de ação, através da interação do sujeito com o objeto da aprendizagem”.

O que é inato para Piaget seria um núcleo de programas de ação que organiza e coordena ações e percepções, que por sua vez ajustam-se ao conteúdo específico do contexto onde funcionam.

A visão construtivista de Piaget coloca-se no estado inicial da aquisição da linguagem não sendo uma tábula rasa. Para ele, são programas que geram esquemas de ação orientados para qualquer objeto a ser aprendido. Enfatiza-se, porém, a interação do indivíduo com ambiente e com o objeto da aprendizagem.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

A prática da leitura e da escrita depende de diversos fatores que podem favorecer um bom ou mau desempenho na sua aprendizagem. Em complemento a essa análise, Oliveira afirma que:

A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado. (OLIVEIRA, 2018, p.103).

Porém, por ser um processo bastante complexo, a leitura envolve mais que habilidades. Ler não se restringe apenas saber o que contém em um texto, o que ele diz, mas qual o seu significado representativo na vida de cada um.

Para as crianças que estão iniciando o processo da aprendizagem de leitura e escrita, esse momento ainda é muito difícil, principalmente, quando alguma delas apresenta distúrbios de aprendizagem, pois dificilmente conseguem ser alfabetizadas, sem o acompanhamento de um trabalho psicopedagógico.

A leitura não é somente traduzir sílabas ou mesmo palavras em sons; é muito mais. Deve servir como meio de conhecimento, prazer ou satisfação, conhecer o mundo, e, para isto, um bom leitor passa, segundo Mello (2016), por quatro etapas: decodificar, compreender, interpretar e reter. Em complemento, o referido autor afirma:

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida, decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem interesse. (CAGLIARI, 2012, p. 15)

A decodificação nada mais é que uma leitura superficial, incompleta, mas é necessária para que se alcancem as outras etapas. É nesse momento que o leitor vai conhecendo as palavras, o seu significado, e assim passa com segurança para segunda etapa, a compreensão.

Na segunda etapa da leitura, a compreensão, o leitor detém o sentido do texto, sabe do que se trata, compreende o que o texto está transmitindo e é capaz de resumir em poucas frases

a essência do texto.

Na etapa que se refere à interpretação, deve ser montada uma sequência de ideias ou de acontecimentos que estão subentendidas no texto. Somente com a compreensão será possível interpretar e responder a fatos que não estão escritos literalmente.

Nas etapas da leitura, a última etapa trata da capacidade de reter o conteúdo trabalhado nas etapas anteriores e aplicá-las, fazendo comparações, reconhecendo o sentido de linguagens figuradas e, o mais importante para o seu crescimento: fazendo analogias com seu cotidiano, aprendendo assim a fazer as suas próprias críticas.

Até que seja alcançado o domínio da escrita alfabética, as crianças precisam percorrer as cinco etapas evolutivas, que podem ser representadas como, o processo da construção da escrita descrita a seguir, conforme Ferreiro e Teberosky (2010).

A primeira etapa revela que escrever nada mais é que reproduzir os traços da escrita que são identificados pelas crianças. Algumas vezes, para facilitar o entendimento, são apresentadas correspondências figurativas, do seu cotidiano, entre o objeto e a escrita.

A segunda etapa diz que, para ler coisas novas, deve existir diferença objetiva na escrita, pois a criança no início do seu aprendizado, não se baseia pelos sons, mas sim, por sinais diferentes como, por exemplo: para escrever CARRO, ela escreve OARTNO.

O valor sonoro de cada letra que constitui a escrita acontece na terceira etapa da escrita. Essa etapa divide-se nas fases: silábica, silábica- alfabética e alfabética. Na etapa silábica cada letra equivale a uma sílaba. Exemplo: para escrever a palavra CARRO, a criança escreve AO.

Na fase silábica- alfabética, acontece à passagem da hipótese silábica para alfabética. É nessa fase que a criança descobre a necessidade de fazer uma análise mais aprofundada, além da sílaba, como, por exemplo: para escrever CARRO, a criança escreve CAR.

Na fase seguinte, a alfabética, a criança já ganhou bastante experiência e conhecimento na escrita, compreende que cada caractere corresponde a um valor sonoro. Então, é nessa etapa que ela conhece a escrita alfabética. Logo, para escrever a palavra CARRO, ela irá escrever CARRO.

O aprendizado da escrita, segundo Orlândia (2001), demanda atitudes e aptidões específicas, diferentemente das solicitadas pela leitura. Contudo, faz-se necessário que a criança queira escrever e fazer isso com habilidade. No desenvolvimento geral da aprendizagem, a leitura vem primeiro que a escrita, pois a criança tem mais capacidade de ler maior número de palavras do que escrever sozinha. Porém, as duas habilidades podem ser trabalhadas com a criança paralelamente.

No entanto, a leitura pode ser adquirida independente da escrita, pois é perfeitamente possível uma pessoa saber ler e não saber escrever, sendo o inverso impossível de acontecer. Contudo, uma vez iniciado o processo de aprendizagem, quanto mais se lê, melhor se escreve e quanto mais se escreve, melhor se lê.

Assim sendo, percebe-se que aprender a escrever e a ler, ou seja, alfabetizar-se, é, acima de tudo, aprender a ler o mundo em primeiro lugar, entender seu contexto, reescrevê-lo de outra maneira, sempre procurando mudanças, através da própria prática e a cada dia.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida ocorreu em uma escola pública estadual de Ensino Básico da cidade de Manaus / AM em uma turma de 6º. ano. O trabalho denomina-se pesquisa de campo. Nesse tipo de estudo ocorre à análise de fenômenos em determinado ambiente. Os pesquisadores vão até um local específico que será estudado e acompanham como o grupo se desenvolve. Após uma experiência prática, é preciso fazer uso de fundamentação teórica para resolver a solução proposta.

As participantes da pesquisa foram das 3 (três) professoras que atuam nas turmas dos 6º anos no turno matutino e vespertino da escola pesquisada. Por ser uma pesquisa de representação social esse número de professores participantes permitiu a pesquisadora a imergir em questões particulares e, ao mesmo tempo constatar tais realidades diante de suas complexidades. A investigação foi pautada em entrevistas semiestruturadas, cuja finalidade foi buscar maior interação com as professoras entrevistadas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Percebeu-se nos discursos das professoras complexidade do conceito e também revelam a amplitude e a natureza da escrita. Assim, considera-se a língua escrita como importante na formação do sujeito cognoscente, conforme o depoimento delas.

Digo que é ensinar o aluno utilização da escrita. O que é tudo.... Mas para isso você deve proporcionar um ambiente letrado para o aluno conviver na prática, com textos atuais. Com o que ela faz com aquilo no dia a dia... Acho que é isso na escrita como na leitura é você mostrar para o aluno como funciona e onde ele utiliza a escrita no dia a dia dela. Eu acho que eu posso estar resumindo a importância da escrita assim. **Professora 1** Vejo como um processo de evolução no nível de leitura e escrita. No entanto, a escrita é um processo que começa antes de...Quando a criança entra na escola já está no processo de grafismos. Ela vai evoluindo no nível de leitura e escrita...Vai se desenvolvendo... Passa pelos níveis todos até chegar à escrita alfabética e à leitura. **Professora 2.** Muita. Certamente que ensinar a ler e escrever são algo muito complicado Vemos muitos alunos com sérios problemas de leitura, logicamente eles não vão escrever, porque para ler e escrever requer disciplina, prática e motivação para que essa competência seja bem desenvolvida **Professora 3**

Desta forma pontua-se o quanto o professor é importante no sentido de proporcionar aos alunos contato com diversos gêneros textuais, estimulando-os com atividades prazerosas de leitura e de escrita, fazendo-os buscar o sentido daquilo que se lê e se escreve e, desta forma, estabelecendo relação com outras áreas de conhecimento, que possibilite uma aprendizagem reflexiva e significativa.

Então, pode-se afirmar que ler no conceito mais estrito significa ensinar ao aluno a decifrar o código alfabético. Esse conceito abrange as capacidades de decodificar (uma palavra escrita num fonema) e de codificar (um fonema numa palavra escrita).

No entanto, é preciso, a partir desse conceito, que o professor compreenda a esse processo como sendo a própria ser a aquisição da linguagem oral para o desenvolvimento da língua escrita (SOARES, 2004).

Na percepção das professoras ficaram claro elas acreditam- que a escrita precisa provocar no aluo uma reação, significativa o que pode leva-lo a buscar novos textos, novos conheci-

mentos. À medida que se aumenta os conhecimentos através do contato com diferentes textos, mais fácil e rica se torna a leitura e a escrita, enquanto impregnada de sentidos, pois ela assume dimensões sociais de interação, entre elas validando-se progressivamente através da comunicação de algo significativo.

Quanto mais se associa ideias e vivências, maior será o entendimento, a interpretação acerca do conteúdo do texto. Ampliação os saberes significativos, pois o aluno, após várias leituras constrói determinadas concepções e a partir disso analisa, interpreta, compreende e age e principalmente escreve.

A leitura e a escrita trabalhada como forma de pesquisa impulsionam aprendizagens, a busca incessante do saber novo, refletido, contextualizado e reconstruído. Ler e escrever não são apenas decodificar, mas compreender as ideias centrais, fazer inferências, relacionar o lido com o vivido, pensar novas possibilidades, tirar conclusões, enfim, entender que um texto escrito não é uma verdade absoluta, mas um ponto de vista sobre algo que está condicionado histórica e culturalmente.

Sendo assim, torna-se necessário a complementação crescente e contínua com outras referências que permitam uma visão mais totalizante. Assim, os objetivos da leitura e da escrita são elementos que podem ser levados em conta, pois um mesmo texto, lido por duas pessoas com objetivos distintos, terão compreensões diferentes. E experimentada a escrita o aluno executa um ato de compreender o mundo, faz conflitos com o texto, concorda, discorda e também transmite ao texto suas experiências.

Sendo a escrita, um processo pelo qual o aluno realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, e a partir dele seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, características do gênero, do portador, do sistema de escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra.

Essa atividade que implica, necessariamente, na compreensão que passam ser construídos antes da aquisição da escrita pelo aluno, visto que a função social da escrita é fazer com que o aluno (cidadão) interaja com a sociedade em que vive, tendo oportunidade de viajar e entrar em contato com outros seres humanos, nos diferentes horizontes da cultura através de variadas fórmulas de isto que pensamentos, conhecimentos científicos, tecnológicos.

Como a aprendizagem é um processo que envolve diversos fatores, Santos (2018) também vê a necessidade de se enxergar a criança como um todo ao apresentar dificuldades, de forma que seja avaliada em aspectos variados.

Nessa ótica, o professor não pode se esquecer de que o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores específicos, aos quais ele deve estar sempre atento, inclusive para evitar que seus próprios valores não o impeçam de auxiliar a criança em seu processo de aprender. Importante destacar que as crianças com que possuem alguma dificuldade no aprender precisam de incentivo e apoio para acreditem em si mesmas e em suas possibilidades de sucesso, pois o ponto mais importante é que não percam o interesse pela aprendizagem.

Percebeu-se que as três professoras concordam que a leitura e a escrita devem de fato ser vivenciadas e significadas pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental, e que o trabalho com a escrita e a leitura pode ser desenvolvido através de atividade voltado as várias interven-

ções metodológicas proposta pelos professores, uma vez que o aprendizado não ocorre da mesma forma e ao mesmo tempo para todos os alunos, pois cada uma apresenta características diferentes e ritmo próprio de aprendizagem.

Isso faz com que as professoras não se limitem a transformar a escrita num ato de decifração ou decodificação, mas fazem com que os alunos do 6º. ano se apropriem do sentido do texto e, por meio deles, ampliem os conhecimentos que têm acerca do mundo que as cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões empreendidas no âmbito deste estudo realçam a compreensão das percepções das professoras em torno das concepções e práticas de leitura e escrita propostas aos alunos do 6º. ano do ensino fundamental II da Escola Estadual Rosina Ferreira da Silva – município de Manaus /AM reiterando os aspectos concernentes ao fazer docente no processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita.

Considera-se como ponto forte na pesquisa: a descrição da percepção das professoras participantes da pesquisa quanto os motivos das dificuldades de aprendizagem que interverem na aquisição da língua escrita. Nas percepções das professoras sobre essas concepções e práticas de leitura e escrita foi possível entender a partir de suas falas que a escrita não pode ser separada da linguagem oral.

Percebeu-se também o quanto é necessário à quebra de metodologias tradicionais no ensino da escrita sendo muitas vezes necessário, propor uma produção de textos em bases mais amplas, ou melhor, ser trabalhada de forma interdisciplinar, articulando as diferentes disciplinas, onde seja vista como uma possibilidade, nunca como um fim.

Encarada desta forma, a escrita se constitui numa tarefa permanente e o professor age como incentivador para que seu aluno se torne leitor e escritor ativo, desfazendo assim, essa relação mecânica de leitura, e da escrita que ao longo dos anos, foi construído no sistema escolar.

Na análise das percepções das professoras, a pesquisadora pode afirmar que elas consideram as especificidades do significado da escrita e do mundo no meio escolar, transformando as condições de sua realização, não é tarefa das mais fáceis, pois fora da escola, não se lê e escreve só para aprender, mas essa prática deve ser constante visto que a leitura e a escrita não significa a repetição infundável, mas num início de um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensões do mundo.

Nesse viés se aduz que o professor deve proporcionar um ambiente estimulante, rico em desafio, para que o aluno desenvolva com mais facilidade as suas habilidades, ampliando o seu universo cultural por meio do aprendizado da leitura e da escrita.

Para isso, é fundamental ele desenvolva um planejamento com estratégias de leitura e escrita, de forma diversificada, respeitando o ritmo de cada aluno de modo a envolvê-la em um processo de reflexão sobre o processo de ler e escrever.

As professoras evidenciaram nas suas percepções que a leitura e a escrita precisam ser desenvolvidas, mediada pelo professor e acompanhada pelos alunos permitindo que eles se descubram e sintam as formas e o contexto da leitura e principalmente da escrita, no espaço

vivenciado por eles, de forma criativa.

Portanto, analisando as percepções das professoras, é possível afirmar que para o aluno do 6º ano do ensino fundamental a leitura e a escrita permitirão a integração desse aluno no seu contexto, possibilitando a comunicação de forma mais eficiente, em uma sociedade em aceleradas transformações, incertezas e troca de valores.

Neste processo, o (a) educador (a) deve ser um mediador entre o aluno e o conhecimento e entender que essa dinâmica permite ao educador readequar sua prática de acordo com princípios teóricos e metodológicos adequados, com a finalidade de prover uma prática educativa transformadora e de qualidade.

Vale dizer ainda que este estudo de pesquisa é apenas uma gota d'água num mar de possibilidades que têm os pesquisadores, quando se aventuram a buscar os diferentes modos de fazer educação, querendo compreender e ampliar possíveis questões sobre a importância da leitura e da escrita na constituição do sujeito (aluno). Convém salientar, que os estudos realizados neste trabalho de pesquisa não representam conclusões definitivas, mas um início.

REFERÊNCIAS

BASTIANI, J. A. *Motivação: Querer aprender*. Petrópolis: Vozes, 2015. CAGLIARI, L.C. *Alfabetizando sem o bar-bê-bi-bó-bu*. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 2012.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. 32ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita: Tradução Marcos Marcionílio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez, 2001. OLIVEIRA, F. *Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2018.

OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*: 7a ed., São Paulo: Ática, 2016.

SANTOS, Nilza Maria dos. *Problematização das Dificuldades de Aprendizagem*. Professora de Educação Especial da Rede Estadual de Educação. Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional. PDE - 2018. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf> (Acesso out/de 2021).

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.